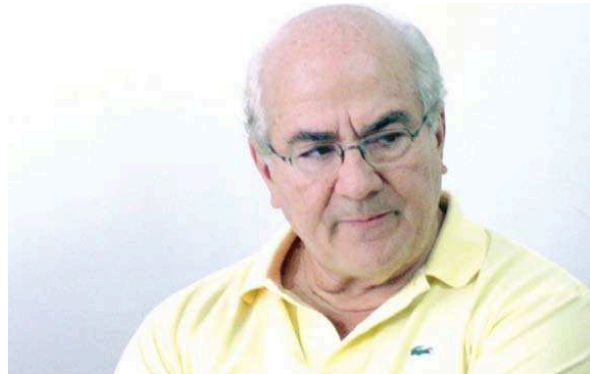


Horácio Almendra – Presidente do IQE

“Domínio do sistema alfabético deve ocorrer no início da escolarização”

Biá Boakari
Repórter

Horácio Almendra, 67 anos, tem respeitável trajetória no meio empresarial brasileiro. Tendo estudado em Teresina, no antigo Grupo Escolar Abdias Neves, já ocupou importantes cargos em uma multinacional de eletroeletrônicos com sede em Amsterdã e hoje dedica-se voluntariamente ao Instituto Qualidade no Ensino (IQE), que tem no Piauí um importante polo de atuação. Aos 16 anos, Horácio Almendra mudou-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu o antigo Científico (Ensino Médio) e a Faculdade Nacional de Ciências Econômicas, da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para ele, o grande aprendizado de sua trajetória profissional é a comprovação de que as grandes oportunidades estão na educação, na valorização da meritocracia. Atualmente, Horácio é presidente do IQE, que hoje está presente em 559 escolas públicas do Piauí, levando uma nova metodologia de ensino para 3.500 professores das redes municipais e estadual de ensino. Professores de mais de 90.000 crianças piauienses passam pelo processo de aprendizagem do Instituto, que através de suas intervenções, implanta um modelo de capacitação e cultura organizacional que possa ter continuidade, independentemente do IQE, após o término do projeto. Na entrevista, ele defende a formação dos professores como o principal caminho para a educação pública de qualidade. É na sala de aula que se pode fazer a diferença, defende. Confira a entrevista:



Divulgação

O Instituto Qualidade no Ensino (IQE) atua no Piauí há alguns anos. O foco é a formação de professores para melhoria do ensino público. Que tipo de metodologias, estratégias são trabalhadas com os professores?

Atuamos na capacitação de professores do Ensino Fundamental, que ensinam em mais de 100 municípios piauienses, transferindo, ao longo de 36 meses, uma metodologia educacional que tem se mostrado eficaz desde 1994, quando o IQE iniciou suas atividades. Não basta ao professor o domínio do conteúdo, ou seja, saber o que ele deve ensinar. Tão importante quanto isto é a forma como ele o transmite, a metodologia utilizada. Em princípio, concentramo-nos na metodologia, ajudando o professor a melhor ensinar. Quando necessário, recapitulamos o conteúdo, que já deveria estar amplamente dominado. Não raro, contudo, deparamo-nos, por exemplo, com professores que necessitam, digamos, de “reforço” em Geometria, que integra o currículo desde o Ensino Fundamental.

O que de fato, na avaliação do senhor, ocorre para que tenhamos professores em salas de aula que não dominam conteúdo?

Uma das razões certamente é a baixa atratividade que hoje a profissão de professor exerce. As estatísticas mostram que os cursos de licenciatura não têm estado no topo da preferência dos universitários. Como consequência, encontramos em muitos dos 5.565 municípios brasileiros “professores” sem formação adequada, sem licenciatura, muito menos doutorado. Pior ainda, muitos deles são temporários, ou seja, não são concursados. Ainda por cima, a rotatividade é extremamente alta. Não raro, o bom professor, em busca de uma melhor remuneração, ou até mesmo fugindo da violência verificada em algumas escolas, migra para uma outra profissão ou procura uma função no quadro técnico da Secretaria de Educação. Legislação federal recente esta-

Dinamismo

“A língua é rica para colocarmos um ponto final na sua aprendizagem. Mas o domínio do sistema alfabético deve ocorrer no início da escolarização”

beleceu uma remuneração piso nacional, que acredito ser um passo importante na busca de uma solução. Identificar uma maneira através da qual professores concursados (portanto capacitados) e adequadamente remunerados habitem a sala de aula requer uma política pública nacional, portanto federal. Enquanto isso não acontece plenamente, ficamos com as exceções que confirmam a regra, sendo Cocal dos Alves a mais notável delas, já que tem se destacado em competições de matemática.

De que forma isso tem refletido no ensino?

Hoje existe um esforço do Ministério da Educação (MEC) para colocar em prática algo como o “Enem” do professor. Uma portaria normativa do MEC instituiu a Prova Nacional de Concurso para o Ingresso na Carreira Docente. O exame seletivo será aplicado no país uma vez por ano, cabendo ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/MEC) coordenar a aplicação da prova, que está prevista para 2012. Considero isto um grande avanço, pois permitirá aos municípios o recrutamento de professores não temporários e capacitados, da mesma forma que muitas universidades já usam o Enem como prova de seleção.

Que quadro temos hoje em relação a isso na educação pública?

Não existem pessoas habilitadas, os municípios não têm condições de fazer concurso e quando o fazem, não atraem candidatos em

número suficiente e qualidade desejada. O passo seguinte é a contratação, como já comentado, de professores temporários. É comum termos redes de ensino onde mais de 30% dos professores têm contratos temporários de um, no máximo dois anos. Quem pode planejar sua vida escolar, seu trabalho, sua carreira, com um contrato gerador de incertezas no curto prazo? Por isso, reafirmo minha convicção que a “Prova Nacional de Concurso para o Ingresso na Carreira Docente” é um caminho que deve ser trilhado.

Então, podemos considerar que a gestão da educação, a estrutura das escolas são importantes, mas o primordial é qualificar os professores que estão em sala de aula?

Só existe um lugar onde se produz e se consegue a eficácia do processo de ensino-aprendizagem: a sala de aula. Claro que as condições de infraestrutura (salas arejadas, instalações esportivas e até mesmo a preparação da merenda) são importantes. Você pode, contudo, ter uma magnífica infraestrutura (salas temáticas e com ar-condicionado, data-show, um tablet para cada aluno,

Incerteza

“Quem pode planejar sua vida escolar: seu trabalho, sua carreira, com contrato gerador de incertezas no curto prazo?”

segurança perfeita etc.) e um péssimo desempenho na Prova Brasil. Há exemplos claros que suportam esta afirmação. Por outro lado, você pode ter escolas que estão quilômetros distantes da melhor infraestrutura e mesmo assim produzem resultados excelentes. Quer um exemplo? Cocal dos Alves. Qual a

“Só existe um lugar onde se produz e se consegue a eficácia do processo de ensino-aprendizagem: a sala de aula”

razão? Professores capacitados e comprometidos. A história registra que os gregos davam aulas ao ar livre e foram eles o berço de toda a cultura ocidental.

Neste sentido, qual a importância de avaliar a alfabetização das crianças?

Nesse ponto temos que diferenciar duas concepções de alfabetização: aquela que restringe à compreensão do código alfabético e a que a vê como um processo de aquisição da cultura escrita, ou seja, de todo o tipo de escrita que existe na sociedade e que permite a qualquer pessoa participar efetivamente dos processos sociais. Assim, compreender o sistema alfabético é apenas uma etapa do processo de alfabetização. Então, quando avaliamos o desempenho em relação à escrita, temos consciência de que a criança precisa dominar o princípio alfabético e que esse conhecimento deve estar em função da compreensão e uso da língua de forma competente. Não basta saber que letras se juntam para formar sílabas e essas, por sua vez, são componentes de palavras e essas de frases. Estar alfabetizada é poder ler, entender e escrever qualquer texto.

Partindo do princípio da boa formação dos professores, o que se espera que os alunos saibam ao final da etapa de alfabetização?

Tomemos como ponto de partida para essa questão a alfabetização como domínio da cultura escrita. Nesse sentido, estamos sempre nos aprofundando, pois quanto mais lemos e escrevemos, mais estamos aptos a fazê-lo. A língua é muito rica e dinâmica para colocarmos um ponto final em sua aprendizagem. Agora, dominar o sistema alfabético é uma habilidade que deve ocorrer no início do processo de escolarização. Todas as crianças, exceto que lhes tenha acontecido algum prejuízo cognitivo importante, têm condições de atingir esse conhecimento no 1º ou, no máximo,

até o final do 2º ano do ensino fundamental. No entanto, a incompreensão dos princípios que norteiam a didática atual tem levado a resultados desfavoráveis: há um grande contingente de alunos que chegam a

Condição

“O ensino está diretamente vinculado à aprendizagem: se esta não ocorre, o primeiro não aconteceu. Isto é de fato ensinar”

segunda etapa do ensino fundamental sem essa compreensão. Por isso, a formação continuada é fundamental. Para que os educadores tenham consciência do que as crianças já sabem, que é ponto de partida para novas aprendizagens, e daquilo que precisam aprender em relação às metas estabelecidas pelo sistema educacional brasileiro, com as quais o IQE tem profunda concordância. Essas metas dizem respeito à alfabetização no sentido mais estrito do termo, como também, e principalmente, à competência de ler e escrever em diferentes gêneros textuais que participam dos atos de comunicação entre as pessoas. Saber usar a língua para compreender e produzir desde cartas, receitas, até notícias, artigos de opinião, resenhas críticas, por exemplo, é uma habilidade que se constrói ao longo da escolarização, tendo como ponto de partida as condições de aprendizagem de cada aluno e de chegada a competência nas diversas situações discursivas.

Qual o efeito de avaliar a alfabetização para as escolas? E dentro da sala de

aula? E para o aprendizado dos alunos?

Nosso programa pretende desenvolver as habilidades necessárias às competências leitora e escritora nas crianças. É sobre os aspectos em que as crianças apresentam dificuldades que nossas intervenções devem ocorrer. Dessa forma, a avaliação constitui-se como um guia, uma orientação para estabelecimento de planos de ação que buscam atingir metas de aprendizagem. Os resultados das avaliações são tratados como um diagnóstico do que já se alcançou e do que é preciso conquistar. Orienta o nosso trabalho com o professor, com o que precisa ser retomado ou ainda realizado na sala de aula. Sob a orientação dos formadores, os professores refletem e propõem intervenções bem próximas às necessidades de seus alunos. Isso é de fato ensinar. O ensino está diretamente vinculado à aprendizagem: se essa não ocorre, o primeiro não aconteceu.

O senhor esteve recentemente na cidade de Cocal dos Alves, onde as escolas se destacam por premiações em Olimpíadas de Matemática. O que mais chamou atenção?

Gostei principalmente pela excelência inusitada daquela experiência educacional. Sempre afirmamos que a educação pública de qualidade é possível. Uma coisa é afirmar, outra é constatar. Em Cocal dos Alves constatamos que, sim, é possível.

É possível mudar a escola em um município pequeno de 5.000 habitantes com 1.400 alunos e três escolas. Por que é possível?

Porque você tem um professor capacitado e quando se tem um professor capacitado e comprometido, a educação de qualidade acontece. Como já comentado, a infraestrutura é importante. Igualmente a gestão. O essencial, contudo, é o imprescindível: o bom professor. E isso Cocal dos Alves tem.